

REFLEXÃO SOBRE ALGUNS FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA COMPREENSIVA*

Estelina Souto do Nascimento**

INTRODUÇÃO

Neste artigo, a denominação **mundo social** refere-se ao mundo cotidiano dos indivíduos que nele vivem; o significado desse mundo inclui tanto o observador quanto o ator que nele age.

Na busca da gênese do sentido que os fenômenos sociais têm para o observador e o ator social e do sentido que atribui o ator ao seu próprio agir, focaliza-se a forma de ação segundo a qual os indivíduos interagem e compreendem a si próprios e aos outros. Os fenômenos sociais são compreendidos como produtos da atividade humana.

ORIGENS DA SOCIOLOGIA COMPREENSIVA

Dilthey¹ (1833-1911) foi dos primeiros a constatar a inadequação do positivismo no que diz respeito às ciências

* Elaborado a partir da tese de doutorado "O cotidiano em saúde-doença de crianças escolares", Faculdade de Educação - USP, 1993.

** Professora, doutora em educação, coordenadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano e Saúde - NUPEQS-MG.

¹ Cf. Wilhelm Dilthey. **Le monde de l'esprit**, Max Weber. **Essais sur la théorie de la science**; Alfred Schütz. **Le chercheur et le quotidien** - Postface de Kaj Noschis et Denys de Caprona; Michel Maffesoli. **O conhecimento comum**; Julien Freund. **Les théories des sciences humaines**.

do espírito, uma vez que essas não lidam com seres inanimados, mas com o homem, sua subjetividade, suas emoções e seus valores. Sendo assim, é impossível separar investigador e objeto investigado. Devido a essa especificidade, ele sugere, no que concerne à ciência que lida com o homem, o caminho da compreensão, que seria constituído pela interpretação, envolvendo, neste caso, a hermenêutica.

Assim, o pesquisador busca uma via de acesso ao mundo interior do pesquisado, reconstruindo-o por meio da imaginação, revivendo-o com base na própria experiência e nos elementos descritos. Essa forma permite “uma compreensão hermenêutica, por empatia, do ator ou das circunstâncias estudadas.”²

Dilthey³ propôs-se entender os fenômenos humanos a partir do interior, reconstruindo empaticamente o significado que o ator atribui a sua ação. Suas preocupações concentravam-se na autonomia das ciências do espírito, na necessidade de se focalizar o indivíduo em suas relações com o ambiente e no vivido. Para ele, a significação de toda atividade do ator se liga a seu espírito, sendo possível a apreensão deste pelo isolamento de objetivos, sentimentos e idéias. Ele insiste na necessidade de uma investigação histórica que oriente e dê sentido à atividade humana em cada época. “Há, em resumo, para Dilthey, um espírito – ou, para empregar um termo mais atual, um quadro – ligado ao tempo, no qual as atividades se inscrevem e em relação às quais elas são compreensíveis”.⁴

² Kaj Noschis et Denys de Caprona. Postface, In: Alfred Schütz. **Le chercheur et le quotidien**, p.242 (tradução da autora).

³ Cf. Wilhelm Dilthey. **Le monde de l'esprit**.

⁴ Kaj Noschis et Denys de Caprona. Postface. In: Alfred Schütz. **Le chercheur et le quotidien**, p.243 (tradução da autora).

É certo que Dilthey não se encontrava sozinho nessa discussão e suas proposições se tornaram referências nos debates sobre metodologia, em sua época.

Weber (1864-1920) é um dos pensadores que retomou esse debate e tentou conciliar no método compreensivo o pensamento de Dilthey e a posição positivista. Nesse sentido Freund, interpretando o pensamento weberiano, afirma que "(...) o método geral das ciências não é nem unilateral nem definitivamente generalizante ou individualizante".⁵ Embora tendo divergências com Dilthey, Weber retoma algumas de suas idéias, principalmente no que se refere ao ator, seu vivido e à significação de sua ação.

Para Weber, a realidade social se caracteriza pelas interações entre os indivíduos, e a atividade social se insere em um quadro de comportamentos humanos compostos, em seu desenvolvimento, por encadeamentos e regularidades que se deixam interpretar de modo compreensível.

Enquanto Dilthey enfoca a compreensão do ponto de vista interno, em um sentido psicológico, Weber o faz sob um enfoque sociológico, chegando a tomar posição contra o psicologismo reinante na época.

Em suma, na concepção weberiana, o alvo das ciências sociais é o exame das interações humanas pelo sentido que o indivíduo lhes atribui. Portanto, a base da sociologia compreensiva é a atividade humana, e sua tarefa é compreender o sentido do agir tal qual este é para o ator.

Schütz⁶, que viveu em outra época e contexto, tomou as idéias principais de Weber e fez sobre elas uma

⁵ Julien Freund, Introduction. In: Max Weber. *Essais sur la théorie de la science*, p.31 (tradução da autora).

⁶ Alfred Schütz (1899 - 1959) nasceu em Viena e emigrou para os Estados Unidos em 1939.

reflexão que as enriqueceu, ao trazer para a atualidade a sociologia compreensiva, a ela integrando contribuições da fenomenologia de Husserl.

A SOCIOLOGIA COMPREENSIVA DE ALFRED SCHÜTZ

A obra de Schütz tem origem nas mesmas questões do debate metodológico iniciado no século XIX, qual seja, o debate sobre a natureza das ciências sociais. Seu trabalho é constituído pelo esforço de conciliar as idéias dos autores que insistiam em focar o comportamento humano sob a perspectiva de Dilthey com as daqueles que acreditavam poder submeter o comportamento a leis empíricas verificáveis. A sua tentativa enfim foi a de conciliar a objetividade ligada ao rigor científico com a subjetividade humana, presente na realidade social.

Schütz calca seu trabalho na obra de Weber, tentando segundo ele próprio clarear alguns pontos, entre eles, a significação da ação. Ele buscou assim, em Husserl a compreensão do significado da ação na vivência da consciência.⁷

Schütz parte da descrição do mundo vida ("lebenswelt")⁸ de Husserl. Ele acredita que o mundo vida

⁷ Nesse sentido, cf. Creusa Capalbo. *Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schütz*; Lívio Panizza. *Da Sociologia compreensiva de Max Weber à Sociologia fenomenológica de Alfred Schütz*; Elda Bussinguer. *A questão do poder na enfermagem: uma tentativa de compreensão a partir da fenomenologia sociológica de Alfred Schütz*; François-André Isambert. *Alfred Schütz entre Weber et Husserl*.

⁸ **Lebenswelt**: existência não reflexiva, não contestatória no mundo do senso comum.

e, em particular, a atitude natural – que caracteriza a aceitação incondicional dos valores sociais – é que deveria tornar-se o foco central das atenções.

Para Schütz, o mundo vida reveste-se de significação para o homem tanto como mundo a ser conhecido, dominado e transformado quanto como lugar de projetos e ações. Dessa forma, o mundo está sujeito a interpretações por parte do homem cotidiano na atitude natural. O mundo vida não é apenas mundo natural mas, igualmente, cultural e social. Daí ser o mundo social passível de interpretação.

Schütz propõe que se trabalhe no mundo do senso comum (cotidiano, dia-a-dia), campo da ação social. Tomando como ponto de partida o cotidiano, ele traça a estrutura e a significação desse mundo, onde cada indivíduo nasce e tem sua existência.

Para ele, a ação que se dá no cotidiano emerge de várias relações e traz a marca da subjetividade do mundo e a possibilidade de compreensão do outro no nível da intersubjetividade.⁹ Esta é fundamental para a existência do homem no mundo. A existência do outro é aceita sem discussão: seu corpo é uma consciência igual à de seu partícipe, os objetos do mundo de um dos partícipes são os mesmos objetos do mundo do outro, tendo, basicamente, o mesmo sentido para um e para outro. Nesse mundo vida comum, um entra em relação e em ações recíprocas com o outro, um pode compreender o outro e por ele ser compreendido.

⁹ O mundo é intersubjetivo "porque nós vivemos nele como homens entre outros homens, submetidos às mesmas influências e trabalhando como eles, compreendendo os outros e sendo compreendidos por eles". Cf. Alfred Schütz. *Le chercheur et le quotidien*, p.15 (tradução da autora).

Para Schütz, esse mundo vida, esse ambiente mundano de comunicação comum, essa situação partilhada, embora sendo vivenciada sob pontos de vista diferentes, é apreendida de forma semelhante.

A experiência, tendo como elemento fundamental a intersubjetividade, segundo Schütz, acontece em três níveis: com o mundo dos contemporâneos, com o mundo dos predecessores, com o mundo dos sucessores.

Os contemporâneos são os indivíduos com quem são mantidas ações e relações. No cotidiano, os contatos se dão com os contemporâneos; já com relação aos predecessores, só se dispõe de seu testemunho, embora eles possam influenciar as ações dos indivíduos na atualidade. Quanto aos sucessores, sobre eles só se pode fazer conjecturas e, em vista delas, orientar as ações atuais.

O relacionamento no mundo dos contemporâneos pode dar-se de duas formas: em um envolvimento face à face e em uma situação à distância.

De uma relação “nós” a uma relação “eles”

Na situação face a face, o **estar aí** (“dasein”) de ambos os partícipes, que se dá em uma situação espaço-temporal comum, fundamenta a relação. Nessa relação, um participante está consciente da presença do outro e vice-versa. Não é a simples percepção da presença do outro, mas a sua participação que constitui a relação social. Portanto, esta só é possível na realidade social diretamente vivenciada. Só existe relação social se, de alguma forma, o outro retribui a consciência que o partícipe tem dele.

O aluno que o professor encontra no corredor da escola, a criança que é observada: em nenhum desses casos existe uma relação face a face. Nos dois exemplos,

um (quem encontra ou quem observa) percebe a presença do outro (aluno ou criança); entretanto, não há ações recíprocas entre eles.

Na situação face a face, nasce a interação face a face, na qual é percebido no outro um conjunto de motivos para a sua ação. Dessa forma, pode-se vivenciar a constituição de seu contexto motivacional e dele participar antes mesmo que o outro atue. Vive-se uma pura relação **nós**.

É nessa relação que a intersubjetividade do mundo vida se desenvolve e se confirma constantemente; o fato é que o mundo vida não constitui o mundo de um, nem o do outro, nem mesmo o mundo dos dois – mas o mundo de experiências de ambos.

É dessa forma que o pesquisador cujo trabalho está centrado na interação face a face e em uma relação **nós**, tendo a intersubjetividade como elemento fundamental da experiência, mantém com os pesquisados, mesmo que efêmera, uma relação de partilha em uma comunidade de espaço e de tempo.

Partilhar uma “comunidade de espaço”, para Schütz, significa que uma porção do mundo exterior pertence aos dois parceiros e que ambos se interessam por ela.

*Para cada um dos parceiros o corpo do outro, seus gestos, suas atitudes e a expressão de seu rosto são imediatamente observáveis, não somente como coisas ou acontecimentos do mundo exterior, mas em sua significância fisionômica, isto é, como os sintomas do pensamento do outro.*¹⁰

¹⁰ Alfred Schütz. *Le chercheur et le quotidien*, p. 23 (tradução da autora).

Partilhar uma “comunidade de tempo” tanto exterior quanto interior implica a participação de cada um no desenvolvimento da vida do outro, de modo que um possa ir apreendendo, em um presente vivo, os pensamentos do outro, à medida que esses vão sendo construídos.

*Eles podem, dessa forma, partilhar as antecipações um do outro, como seus projetos, suas esperanças e suas angústias. Em resumo, eles estão mutuamente implicados na biografia um do outro, envelhecem juntos, vivem, como poderíamos denominar, em uma pura relação ‘Nós’.*¹¹

Para Schütz, existem duas maneiras de uma pessoa dar-se conta de uma relação social: pode vivê-la e pode refletir sobre ela. Assim ele se expressa:

Minha experiência com o semelhante é direta na medida em que participo abertamente na relação Nós, quer dizer, na medida em que tomo parte na corrente comum de nossas experiências. Se penso e reflito acerca de nossa experiência, esse caráter direto se rompe e devo interromper minha participação direta na relação Nós; sair, por assim dizer, da situação face a face. No transcurso da relação Nós, eu estava ocupado atendendo a você; para pensar nela, devo interromper a relação imediata entre nós. Antes que eu possa refletir acerca de nossa experiência comum,

¹¹ Alfred Schütz. *Le chercheur et le quotidien*, p. 23 (tradução da autora).

*devem concluir suas fases vívidas das quais participávamos conjuntamente. A participação direta na relação Nós só é possível nas experiências em curso de uma situação face a face, enquanto a reflexão é ex post facto. Começo depois de finalizar a relação concreta Nós.*¹²

Na vivência da relação social direta, os partícipes encontram-se face a face, tendo suas correntes de pensamento sincronizadas e suas ações entrelaçadas. Eles vivem uma relação nós que é tanto espacial quanto temporal: abarca corpo e consciência.

Assim, na situação face a face, um dos partícipes está dentro do alcance da experiência direta do outro e partilha com ele uma comunidade de espaço e tempo. Partilham uma comunidade de espaço na medida em que estão presentes em pessoa e têm consciência um do outro enquanto pessoas mesmas. Cada um percebe o corpo do outro não só como sendo físico ou fisiológico mas também como um campo de expressão de vivências: o corpo como lugar de manifestação dos sintomas da consciência interna de cada um. Partilham uma comunidade de tempo na medida em que a experiência de um flui junto com a do outro. Cada um pode captar os pensamentos do outro enquanto ocorrem. Segundo expressão de Schütz, "envelhecem juntos".¹³

Para Schütz, uma observação social direta pode converter-se em uma relação face a face e vice-versa; por exemplo: se estou no papel de observadora e faço uma

¹² Alfred Schütz. **Estudios sobre teoria social**, p.37-8 (tradução da autora).

¹³ O termo "envelhecer junto", muito utilizado por Schütz, refere-se ao sincronismo ou simultaneidade de duas correntes de consciência: um só

pergunta à pessoa observada, deixo de ser observadora. Da mesma forma, se, durante uma relação face a face, eu me “afasto” para refletir sobre a vivência, passo a ser uma mera observadora daquela relação. Transformo a vivência em objeto de observação ou de pensamento na medida em que me afasto da relação face a face, seja por meio de uma observação social direta em que estou presente em uma relação social, porém não compartilho mais a corrente de consciência do outro, seja como reflexão **ex post facto** acerca de uma relação direta. Desse modo, o ator se põe fora de cena, tem um “Ato de atenção” para com a vivência e a interpreta.

Para Schütz, a captação retrospectiva das vivências **nós** se localiza dentro de um **continuum**: “(...)quanto maior é minha consciência da relação **nós**, tanto menor é minha implicação nela e tanto menos estou autenticamente vinculado com meu partícipe. Quanto mais reflito, mais se transforma meu partícipe em um mero objeto de pensamento”.¹⁴

Portanto, da mesma forma que o indivíduo deve colocar-se, enquanto eu solitário, fora da sua corrente de consciência, suspender (congelar) suas vivências, mesmo que momentaneamente, de modo a encará-las objetivamente, refletindo sobre elas, o mesmo vale para a relação **nós**. Para focalizar a relação **nós** enquanto reflexão,

ato intencional envolve a ambas. Os atos intencionais de uma corrente de consciência ocorrem distintos da outra corrente, porém simultâneos com ela. Nesse caso, a experiência de um indivíduo flui paralelamente à do outro, de modo que um possa captar os pensamentos do outro à medida que se produzem. Cf. Alfred Schütz. **Fenomenologia del mundo social**.

¹⁴ Alfred Schütz. **Fenomenologia del mundo social**, p. 196 (tradução da autora).

e não mais vivência, o partícipe de uma interação deve afastar-se, em certo grau, do outro; isso significa que deve colocar-se fora da relação face a face. Isso faz sentido, já que os participantes de uma relação direta estão de tal maneira implicados um com o outro, que toda a relação está impregnada por essa implicação.

Ao estabelecer a diferença de relações entre contemporâneos e a relação face a face, Schütz diz que, na primeira, as ações estão meramente relacionadas e ocorrem na imaginação, enquanto na segunda, as ações entrelaçam-se e constituem uma questão de experiência imediata. Entre esses dois pólos, acontecem graus intermediários que seguem uma escala decrescente de familiaridade e crescente de anonimato, até chegar aos artefatos de qualquer natureza que constituem o testemunho do contexto de significado de uma pessoa que não se conhece.

A realidade da vida cotidiana

Como foi visto, o objeto de estudo de Schütz¹⁵ é o ser humano que olha o mundo do ponto de vista da atitude natural. Ser humano que nasce e vive em um mundo social, encontra-se entre semelhantes e não questiona a existência desse mundo tanto no que tange aos objetos naturais como a seus semelhantes. O homem na atitude natural compreende o mundo interpretando as próprias vivências que tem desse mundo, sejam elas relativas a coisas inanimadas, a animais, ou a semelhantes. A matriz desse processo compreensivo é o mundo da vida cotidiana, visto

¹⁵ Cf. Alfred Schütz. **El problema de la realidad social; Fenomenologia del mundo social; Estudios sobre teoria social.**

por Schütz como um “âmbito finito de sentido” (ou subuniverso),¹⁶ no qual o homem age e é **agido**. A vida cotidiana, é desse modo, percebida pelo homem na atitude natural, em um **aqui** e **agora** por meio do corpo que se movimenta, age e reage.

A realidade da vida cotidiana vista dessa forma pode ser comparada a uma bruma que envolve o homem e os que lhe são próximos em um horizonte, conferindo sentido a esse mundo e comunicabilidade entre os partícipes.

O conhecimento do mundo da vida cotidiana pelo homem na atitude natural compreende construções que podem ser resumidas em um conjunto de abstrações, de generalizações, de formalizações, de idealizações no nível específico de organização do pensamento em que esse homem encontra-se. Para esse homem, não existem fatos puros e simples. Esses são, de início, selecionados em um contexto universal mediante atividade do espírito e interpretados. Isso não significa, entretanto, que na vida cotidiana o homem apreende a realidade do mundo; ele apreende somente certos aspectos: os que lhe são pertinentes para gerar sua vida.

Desse modo, o investigador social, cujo campo de observação é o mundo social, trabalha com acontecimentos que possuem uma significação particular e uma estrutura pertinente para os seres humanos que vivem, pensam e agem nesse mundo.

¹⁶ Cf. Alfred Schütz. **El problema de la realidad social**. Schütz toma o termo “subuniverso” de Willian James e o transforma em “âmbito finito de sentido”, que significa o acento que é conferido à realidade, sendo esta entendida como tudo o que se relaciona com a vida ativa e emocional. “Tudo o que estimula o interesse é real” (p. 303). A teoria científica, as artes, a religião, a política, a fantasia, os sonhos constituem, cada um, outros âmbitos finitos de sentido.

Esses homens classificam e interpretam esse mundo por meio de uma série de construções comuns na realidade da vida cotidiana, as quais vão constituir seus objetos de pensamento. Tais pensamentos determinam seu comportamento, definem o objetivo de sua ação e os meios para alcançá-lo. Enfim, a experiência existe, para Schütz, enquanto "conhecimento disponível"¹⁷ e funciona como esquema de referência na vida cotidiana.

Esse mundo já existia antes do homem atual: seus predecessores tiveram suas experiências e o interpretaram como um mundo organizado. Este encontra-se, agora, disponível para sua experiência e interpretação. A interpretação que ora o homem faz baseia-se em uma reserva de experiências prévias: a dele própria, a transmitida por amigos, pais, professores, por leituras, pelos meios de comunicação e assim por diante. A reserva de conhecimento disponível (conhecimento que o homem tem do mundo) é aceita até uma nova ordem, se bem que ela pode ser colocada em questão a qualquer momento.

As pré-experiências, admitidas tais como são, estão também à disposição do homem como típicas: são portadoras de experiências potenciais, portanto espera-se que sejam semelhantes às do passado. Dessa forma, o mundo não é composto por objetos isolados e dispersos no tempo e no espaço. Cada um dos objetos do mundo tem características típicas que permitem que um outro objeto seja reconhecido mediante a transferência aperceptiva das características típicas do primeiro objeto para o segundo.

¹⁷ Alfred Schütz. *Le chercheur et le quotidien*, p. 12. Cf. Alfred Schütz. *Fenomenologia del mundo social; El problema de la realidad social; Estudios sobre teoria social*.

A assunção da tipificação varia segundo o interesse. Desse modo, na atitude natural da vida cotidiana, o homem interessa-se por certos objetos que se destacam para ele. É, portanto, função da atividade seletiva de sua mente determinar quais características particulares de tais objetos são individuais e quais são típicas. A seletividade que o homem faz das tipificações leva em consideração a pertinência de tais aspectos para o seu interesse na vida cotidiana.

A pertinência e o interesse, além da estreita ligação com o âmbito finito de sentido que é a vida cotidiana, têm também vinculação com cada momento da vida. Relacionam-se, em suma, com o **aqui** e o **agora** da situação biográfica do homem, definida pelo ambiente físico e sócio-cultural que o cerca e pela estrutura temporal em que está mergulhado.

Para Schütz, na vida cotidiana, o homem encontra-se, a cada momento, em uma situação biográfica determinada. Isso significa que ele ocupa uma posição em um espaço físico e em um tempo exterior, um **status** e um papel no interior do sistema social. Ocupa, igualmente, uma posição moral e ideológica.

A situação biográfica de cada indivíduo é, assim, sedimentada pelas experiências humanas anteriores, organizadas e interpretadas segundo sua reserva de conhecimento disponível. Dessa forma, a situação biográfica possibilita ao indivíduo ter um acervo de conhecimento que lhe permite interpretar o mundo.

Apesar de o homem ter uma situação biograficamente determinada em face da qual organiza sua experiência na

forma de conhecimento disponível e, enquanto tal, uma experiência exclusivamente dele, o mundo é um mundo intersubjetivo.

Da mesma forma que as experiências não são isoladas entre si – cada experiência existe dentro de um campo circunscrito em um horizonte (de familiaridade e conhecimento) –, a experiência de cada homem também não é isolada dos outros homens, uma vez que ele vive junto a outros homens, sofre as mesmas influências, age e é **agido**. Portanto, o mundo da vida cotidiana, que se mostra como um mundo privado, apresenta-se, na verdade, como um mundo intersubjetivo. Sendo um mundo intersubjetivo, por conseqüência, o conhecimento sobre ele é também intersubjetivo e socializado.

O mundo é intersubjetivo não só pelo aspecto espaço-temporal em que homens partilham atividades e ações mas, principalmente, pelo fato de que tais ações e atividades são iguais. Iguais na medida em que se encontram mergulhadas em um contexto de sentido que deve ser explicitado para que o homem possa orientar-se nesse mundo, o que permite interpretar-se atividades e ações. Sendo o mundo da vida cotidiana intersubjetivo, é também um mundo social. Desse modo, o homem experimenta contextos de sentido que são evidentes tanto para ele quanto para seus semelhantes e que permitem, na atitude natural, ter-se uma atitude compreensiva.

A ação humana como objeto de reflexão traz então a necessidade de compreender a intersubjetividade, explicitando as interpretações que os indivíduos dão à sua experiência no mundo social. Quando a busca recai na compreensão da teia de significados da ação humana a sociologia compreensiva pode tornar-se alavanca

metodológica oferecendo caminho de escolha para os pesquisadores.

Para que o investigador compreenda o mundo social, é preciso que ele compreenda como os indivíduos atribuem significado ao mundo da vida. Em outras palavras, o pesquisador tem como tarefa reconstruir a forma como os indivíduos interpretam o seu mundo na **vida cotidiana**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. **A questão do poder na enfermagem**; uma tentativa de compreensão a partir da fenomenologia sociológica de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: 1990. (Tese, Livre Docência). Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da UNIRIO.
- CAPALBO, Creusa. **Metodologia das ciências sociais; a fenomenologia de Alfred Schütz**. Rio de Janeiro: Antares, 1979.
- DILTHEY, Wilhelm. **Le monde de l'esprit**. Tradução por M. Reny França: [S. I]: Aubier, 1947, 2v. Tradução de: **Die geistige welt**.
- FREUND, Julien. **Les théories des sciences humaines**. Paris: PUF, 1973.
- ISAMBERT, François-André. Alfred Schütz entre Weber et Husserl. **R. Franc. Sociol.**, [S. I] v. 3, n.2, p.99-319, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**; compêndio de sociologia compreensiva. Tradução por Aluizio Ramos Trinta. São Paulo: Brasiliense, 1988. Tradução de: **La connaissance ordinaire**.

PANIZZA, Lívio. **Da sociologia compreensiva de Max Weber à sociologia fenomenológica de Alfred Schütz.** Dissertação (Mestrado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1980.

SCHÜTZ, Alfred. **Fenomenologia del mundo social;** introducción a la sociologia compreensiva. Tradução por Eduardo J. Prieto. Buenos Aires: Paidós, 1972. Tradução de: **Der sinnhafte aufbau der sozialen welt.**

_____. **El problema de la realidad social.** Tradução por Néstor Míguez. Buenos Aires: Amorrortur, 1974. Tradução de: **Collected Paper I: The problem of social reality,** 1962.

_____. **Estudios sobre teoria social.** Tradução por Néstor Míguez. Buenos Aires: Amorrortur, 1974. Tradução de: **Collected Paper II; Studies in social theory.**

_____. **Le chercheur et le quotidien;** phénoménologie des sciences sociales. Tradução por Anne Noschis-Gilliéron. Paris: Klincksieck, 1987. Tradução de: **Collected Papers.**

WEBER, Max. **Essais sur la théorie de la science.** Paris: Plon, 1965. Tradução de: **Gesammelt aufsätze sur wissenschaftslehre.**